

**CAN, Nazir Ahmed. *O campo literário moçambicano. Tradução do espaço e formas de insílio*. São Paulo: Kapulana, 2020.**

*Tania Celestino de Macêdo*<sup>1</sup>

### LÚCIDOS ENSAIOS SOBRE A LITERATURA MOÇAMBICANA CONTEMPORÂNEA

A recente publicação *O campo literário moçambicano. Tradução do espaço e formas de insílio*, consiste em uma das mais importantes reflexões sobre o projeto da literatura moçambicana contemporânea publicado no Brasil. Composto por cinco ensaios e uma Introdução, publicados inicialmente entre 2013 e 2019 e posteriormente submetidos a várias reescrituras, formam um todo orgânico que faculta-nos acompanhar a trajetória intelectual do professor e pesquisador Nazir Can, que tem sido marcada pela ousadia do gesto crítico e pela profundidade de reflexão.

Sem dúvida, desde *História e ficção na obra de João Paulo Borges Coelho: discursos, corpos, espaços*, resultado de sua tese de doutoramento na Universidade Autônoma de Barcelona, impresso pela primeira vez na Espanha em 2011, o autor revelou-se, a despeito da pouca idade, um pensador maduro, que trilha um caminho original no estudo das literaturas africanas.

No volume agora publicado pela Kapulana, encontramos a mesma qualidade de seus artigos e livros anteriores, acrescidos por uma trama de conceitos e leituras a que poucas vezes damos encontro.

O primeiro texto que serve de moldura ao novo livro de Can, intitulado “O espaço, um problema da literatura. A literatura um problema do espaço”, longe de ser uma “Nota

---

<sup>1</sup> É Doutora em Letras pela USP. Aposentou-se pela UNESP - Campus de Assis. Atualmente é professora titular da USP, onde leciona Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. É Vice-Diretora do Centro de Estudos Africanos da USP e Secretária-Geral do Instituto Casa das Áfricas.

introdutória sobre o caso moçambicano”, como o nomeia o autor, é um poderoso instrumento de reflexão que propicia análises não apenas no que tange às letras de Moçambique, como também às literaturas produzidas no continente africano. Veja-se sua primeira afirmação: “Devido às dificuldades materiais que afetam a instituição literária na maioria dos países africanos, os autores convivem com um paradoxo fundador: escrever quase sempre sobre um espaço que lhes é próximo para um leitor distante” (p. 15). Desenham-se, a partir dessa constatação, alguns dos poderosos obstáculos que se apresentam ao trabalho artístico realizado na África, pois seja a questão da língua em que são produzidas as obras, da relação autor/público ou ainda, da representação da realidade encenada pelos textos, o “distante” e o “próximo” constituem os polos da dialética que preside à grande maioria dos produtos artísticos africanos. Deve-se ainda salientar que o trecho citado permite identificar algumas das linhas de força que orientarão a exposição do estudioso, precisando o quadro teórico-metodológico no qual se desenvolvem suas reflexões: a articulação entre textos e contexto em uma chave que passa ao largo de determinismos limitantes e limitados.

Uma abordagem dos teóricos que abordaram a questão do espaço, elemento estrutural escolhido para guiar o seu percurso de leitura da literatura moçambicana, alia-se a uma outra diretriz que orientará o percurso crítico de Nazir Can: o conceito de campo literário, propugnado por Bourdieu. Instauram-se assim as balizas principais que guiarão as análises subsequentes. Vale ressaltar ainda que questões importantes como a de literatura colonial e literatura pós-independência são aqui tratadas, complementando uma visão diacrônica dos fenômenos literários no continente africano.

O primeiro capítulo do livro, intitulado “O insílio”, inicia-se com um perfil mais teórico, a partir da conceituação de exílio de Bernard Mouralis, que é ampliada ao adentrar a cena a questão do “exílio dentro de casa, ou o insílio, termo que designa o estranhamento vivido no próprio país”. E aqui o conhecedor da literatura de Moçambique aparece em toda a sua erudição, ao realizar um quadro amplo de autores e textos moçambicanos em que o fenômeno do insílio permite uma vereda bastante produtiva para a interpretação. Assim, Mia Couto, Suleiname Cassamo, Ungulani Ba Ka Khosaou ou Paulina Chiziane, para citar alguns dos autores que têm algumas de suas obras visitadas, compõem um quadro amplo em que a questão do espaço, mas também o tempo histórico e o ficcional referidos também no capítulo anterior, são lidos competentemente.

O movimento realizado nesses dois capítulos é notável, pois eles mobilizam a teoria da literatura, a reflexão sobre o contexto moçambicano e o comparatismo literário para analisarem o projeto literário daquele país com seriedade e inteligência. Nesse sentido, solidificam o edifício dos estudos literários sobre as literaturas africanas e contribuem efetivamente para que pesquisas nessa área trilhem novos caminhos.

Se os dois textos referidos já apresentam um forte contributo, os próximos capítulos incitam o leitor a descobrir espaços e a focalizar paisagens conhecidas sob uma ótica diversa. Assim, a cidade capital de Moçambique, é flagrada em “Maputo”, enquanto “tema e morada romanesca” que se consolidaria como tal “apenas no século XXI”, revelando uma face em que se alternam e algumas vezes se mesclam rupturas e continuidades, ambiguidades e/ou contradições. Ao analisar a “cidade de papel” criada por Ba Kha Kosa ou João Paulo Borges Coelho, por exemplo, o estudioso alerta para um imaginário de degradação do espaço urbano que tem como tempo o pós-independência, como forma de apontar as diferenças entre o tempo colonial e o período posterior ao 25 de junho de 1975, mas também a má gestão feita pelos novos dirigentes do país. Como se pode inferir, essa perspectiva tece relações entre tempo, historiografia e geo-grafias.

Saliente-se, sob esse aspecto, como a abordagem desse capítulo acaba por singularizar a literatura moçambicana do período estudado frente às literaturas africanas de outros países cuja ficção privilegia também a cidade como cenário. Tal é o caso, por exemplo, de Angola, das narrativas que fazem de Luanda sua “morada romanesca” desde os anos 1960 e que no pós-independência continuam a construir ruas de utopia na cidade desenhada pela escrita.

A leitura de *O campo literário moçambicano* apresenta ainda algumas paisagens ausentes nos textos de alguns outros países africanos não apenas de língua portuguesa: o oceano e a Índia. Trata-se aqui da escolha de espaços focalizados de forma muito específica, que lhes fornece uma originalidade muito interessante.

Em “Um (in)certo Oriente”, a poesia tem prevalência sobre a prosa e Can situa a produção que focaliza o Oceano Índico mas, especialmente, o Oriente. Investe, no entanto, na instituição da diferença entre projetos de escrita “contra-orientalistas” e de outros que integrariam o mar e territórios orientais em objetos mais ou menos estáticos. Assim, além de João Paulo Borges Coelho, presente em grande parte das reflexões do livro, debruça-se especialmente sobre a produção de Luís Carlos Patraquim e de Eduardo White. A respeito do primeiro, afirma em um momento luminoso: ele “reúne em uma única e performática dimensão as categorias tempo e espaço, memória e esquecimento, corpo e palavra, grito e silêncio” (p. 99).

Já em “O Índico declinado”, o mesmo oceano é focalizado, mas sob um aspecto diverso: a presença da Índia em Moçambique. Ao partir da constatação da “escassez sobre as comunidades de origem indiana nos estudos literários que se ocupam de Moçambique (p. 107), focalizará o insílio dessas comunidades e das personagens indianas na produção de vários autores moçambicanos.

O último texto do livro, “O símile-campo” aprofunda o conceito de campo intelectual cunhado por Pierre Bourdieu, contrapondo-o ao de símile-campo de Marcel Poliak. A partir desses marcos, examina-se a questão da institucionalização da literatura ao iluminar o espaço

que ocupam os escritores consagrados, os aspirantes e os pretendentes em Moçambique. Em outras palavras, perspectiva-se o insílio a partir do reconhecimento do papel do escritor no país, estabelecendo como parâmetro os resultados dos concursos literários.

Neste momento, além da reflexão sobre a literatura, três outras importantes rotas são traçadas: a questão do valor estético, o reconhecimento ou negação do mérito dos jovens autores e o exame da mais recente produção literária moçambicana. Um número considerável de livros e autores são examinados e cremos que o leitor brasileiro dificilmente terá acesso a tantas informações acompanhadas de maduras reflexões sobre o novo fazer estético da literatura moçambicana quanto nesse ensaio que encerra *O campo literário moçambicano*.

Para complementar, não gostaríamos de deixar à margem as referências bibliográficas do volume (obras literárias examinadas ao longo dos ensaios, textos de crítica e teoria literária e de outras áreas), que consubstanciam o que vimos afirmando: a erudição e a maturidade de Nazir Ahmed Can.

Chegando ao fim de nosso percurso, vale referir que a opção de contemplar cada um dos ensaios que compõe a publicação – menos detidamente do que desejaríamos, em razão do espaço de que dispomos – deveu-se à intenção de apresentar ao leitor um pouco do importante trabalho que constitui esse livro que, sem dúvida já nasceu clássico. Não apenas pela sua qualidade, mas também por se constituir em um dos marcos na trajetória de um dos jovens pesquisadores mais brilhantes de sua geração.